



Reconstruindo os passos de uma ação: contra-colonialidade e crítica na educação midiática

Reconstructing the steps of an action: counter-coloniality and criticism in media education

Reconstruyendo los pasos de una acción: contracolonialidad y crítica en la educación en medios

Rejane de Mattos Moreira – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Seropédica/RJ/ Brasil.
E-mail: remoreira@ufrj.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5792-8358>.

Sandra Sueli Garcia de Sousa - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Seropédica/RJ/ Brasil.
E-mail: sandragarc@ufrj.br / Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3869-7785>

Cecília Moreyra de Figueiredo - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Seropédica/RJ/ Brasil.
E-mail: cissafg@ufrj.br / Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-7444-4825>

Resumo: O artigo busca refletir sobre o papel da educação midiática no contexto das questões que envolvem temáticas como colonização, colonialidades e contra-colonialidades. Essas terminologias se relacionam, de forma direta, com princípios da racionalidade europeia que submetem outras formas de conhecer e enclausuram identidades em certos regimes discursivos, muitas vezes estereotipados. Apresentamos como a leitura de produtos midiáticos pode revelar essas instâncias de opressão e assim indicar para mediações críticas. O artigo pretende ainda estabelecer formas de elaborar leituras críticas de mídias com metodologias participativas e ativas. Para tanto, apresentamos o projeto EntreMídias que, desde 2018, busca orientar discentes sobre a importância da educação midiática, em aulas que começam em um laboratório de pesquisa e terminam em oficinas ministradas pelos próprios alunos. Fundamentado em autores como Michel Foucault, Walter Mignolo e José Martín-Barbero, discutimos o papel da educação midiática no questionamento das relações de poder e na construção de leituras críticas. Como técnica metodológica, nos valem da pesquisa exploratória e descritiva para entendimento dos conceitos abordados, bem como para apresentação do projeto relatado. Em conclusão, entendemos que a educação midiática é fundamental para o exercício de princípios cidadãos, uma vez que só a partir do conhecimento do ecossistema midiático é possível fazer, consumir, criar e divulgar informações condizentes com o real, na contramão de universos desinformativos e alienantes.

Palavras-chave: educação midiática; contra-colonialidade; crítica de mídia.

Abstract: The article seeks to reflect on the role of media education in the context of issues involving themes such as colonization, colonialities, and counter-colonialities. These terminologies are directly related to principles of European rationality that subjugate other ways of knowing and confine identities within certain discursive regimes, often stereotyped. We demonstrate how the analysis of media products can reveal these instances of oppression and, consequently, point toward critical mediations. The article also aims to establish ways to develop critical media readings using participatory and active methodologies. To this end, we present the EntreMídias project, which, since 2018, has sought to guide students on the importance of media education, in classes that begin in a research laboratory and culminate in workshops conducted by the students themselves. Drawing on authors such as Michel Foucault, Walter Mignolo, and José Martín-Barbero, we discuss the role of media education in questioning power relations and fostering critical readings. Methodologically, we employ exploratory and descriptive research to understand the concepts addressed and to present the project discussed. In conclusion, we understand that media education is fundamental to the exercise of civic principles, as only through knowledge of the media ecosystem is it possible to produce, consume, create, and disseminate information consistent with reality, countering disinformative and alienating environments.

Keywords: media education; counter-coloniality; media criticism.

Resumen: El artículo busca reflexionar sobre el papel de la educación mediática en el contexto de cuestiones que involucran temáticas como colonización, colonialidades y contra-colonialidades. Estas terminologías están directamente relacionadas con los principios de la racionalidad europea que someten otras formas de conocimiento y encierran identidades en ciertos regímenes discursivos, a menudo estereotipados. Presentamos cómo la lectura de productos mediáticos puede revelar estas instancias de opresión y, por tanto, señalar mediaciones críticas. El artículo también pretende establecer formas de elaborar lecturas críticas de los medios con metodologías participativas y activas. Para ello, presentamos el proyecto EntreMídias que, desde 2018, busca orientar a los estudiantes sobre la importancia de la educación mediática, en clases que comienzan en un laboratorio de investigación y terminan en talleres impartidos por los propios alumnos. Basándonos en autores como Michel Foucault, Walter Mignolo y José Martín-Barbero, discutimos el papel de la educación mediática en el cuestionamiento de las relaciones de poder y en la construcción de lecturas críticas. Como técnica metodológica, utilizamos la investigación exploratoria y descriptiva para comprender los conceptos abordados y para presentar el proyecto relatado. En conclusión, entendemos que la educación mediática es fundamental para el ejercicio de principios ciudadanos, ya que solo a partir del conocimiento del ecosistema mediático es posible producir, consumir, crear y divulgar información coherente con la realidad, contraria a los universos desinformativos y alienantes.

Palavras claves: educación en medios; contracolonialidad; crítica de los medios.

1 Introdução

1.2 Pensar acerca das terminologias e seus usos

Vivemos em um momento histórico com a urgência em formar sujeitos mais críticos e reflexivos. Mas esta urgência, necessária a partir da disseminação acelerada de novos modos de compartilhamentos de informação, não pode apenas se inscrever no campo da reação aos ditames da velocidade contemporânea. Como nos indica Michel Foucault (1997), as novas formas de relações de poder produzem suas opressões, mas no mesmo movimento apresentam suas resistências, novas linhas de forças que apontam para outros mundos possíveis, em camadas de sobreposição.

Se as relações com o poder se expressam de modo muito mais propositivo e ativo do que reativo, o que seria então resistir? Essa pergunta fundamental, ensaiada pelo filósofo francês, faz operar todo o seu pensamento na busca desses "momentos de resistência" em que outras formas de pensar são capazes de eclodir. Resistência, portanto, não é apenas reagir e sim propor outros olhares sobre as questões.

Incidados pelo pensamento sofisticado de Foucault, pensaremos nesse artigo, experiências em educação midiática que foram constituídas pelo grupo EntreMídias - Laboratório de Educação Midiática, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ). A partir de uma certa postura crítica e construtiva, iniciamos um trabalho de leituras críticas de mídia com os alunos do curso de Jornalismo em 2018. Ao mesmo tempo que lemos mídia, produzimos as aulas, ministramos essas aulas para um público mais amplo e analisamos nossos passos com a vontade de agir propositivamente às mensagens midiáticas. Mais do que buscar uma crítica responsiva, ou ampliar a ação dos sujeitos, em nossa proposta de trabalho, construímos juntos percursos de análises que também se pautam em processos sensíveis dessa ação. Há um movimento de formação conjunta, que rompe provisoriamente com a hierarquização de quem ensina e aprende, produzindo movimentos horizontalizados de aprendizagem. Todos se formam juntos e compartilham proposições críticas de leituras de mídia. Para que esse processo possa desabrochar de forma criativa e positiva, criamos pesquisa aliada à extensão, em um movimento de troca.

Para discutirmos nossos processos de ação foi necessário um debruçar sobre conceitos e experiências¹ que descobrimos de forma coletiva e conjunta nesses anos de atividade do EntreMídias. Também a reboque das provocações de Santos (2019),

¹ Há alguns anos escrevemos sobre os mais variados modos de ação e metodologias do grupo EntreMídias. Conferir textos e o material como um todo em <https://entremidias.ufrj.br/>.

nesse movimento não constituímos “nem uma escola pública ou privada e sim uma escola própria”, com suas questões, suas historicidades e tempos.

De fato, protagonizar as ações de pesquisa e extensão que o projeto suscita nos faz entender que as metodologias funcionam como dispositivos. A noção de dispositivo na obra de Foucault, discutida por Deleuze (1990), pode nos ajudar a pensar acerca de algumas ferramentas. Isto porque o dispositivo para o autor é um conjunto heterogêneo de coisas (instituições, leis, formas, linguagens) e por ele e com ele estabelecem-se redes ligadas a poderes-saberes. É importante percebermos que essa terminologia, para Foucault, faz operar a sua própria maneira de impulsionar o pensamento, ou seja, o dispositivo é uma rede que funciona por estratégias singulares que estabelecem certas relações. O dispositivo impulsiona e amplifica essas relações.

Tomaremos essa terminologia ou conceito foucaultiano para pensarmos as estratégias de ação realizadas e concebidas nas oficinas. Para cada etapa do trabalho elaborado nos debruçamos em conceber certos dispositivos (conjuntos heterogêneos de coisas) que pudessem funcionar como linhas de forças que direcionassem as leituras críticas. Construimos mapas de leituras, elaboramos perguntas deflagradoras, incitamos os grupos a pesquisar questões que surgem nos encontros e, acima de tudo buscamos estabelecer critérios de ações, conjuntamente, no que denominamos consensos provisórios.

De fato, à investida em processos horizontalizados e partilhados, o que possibilitou experimentações e a flexibilização do entendimento do espaço da sala de aula, produzimos leituras de mídias e mediações críticas, como costumeiramente nos referimos no grupo. As mediações críticas são estratégias de inclusão de todos que participam na produção e ministração das aulas em que as “intervenções” são sempre conduzidas nos processos de pesquisa.

Esses processos metodológicos partiram de duas proposições importantes: são construídos coletivamente, num movimento de vai e vem analítico e, necessariamente, se remetem a determinada oficina planejada de forma singular. Os manuais de ação são sempre únicos e originais; são parciais e partem de temáticas estabelecidas pelo grupo.

No íterim dessa busca, discutir conceitualmente educação midiática nos parece fundamental. Nessa terminologia, educação e mídia se agenciam e tomam outros sentidos, principalmente se compreendermos que a educação precisa de uma nova perspectiva crítica, coletiva e dialógica como já ensinava Freire (1967). Com o protagonismo das mídias (audiovisuais, digitais) e suas mediações culturais, os sujeitos

são levados a pensar o mundo a partir desses novos registros, o que torna ainda mais necessário aprender a ler a mídia e a entender o ecossistema midiático.

Diante de um processo veloz de midiaticização das experiências, Fantin (2008) já havia salientado que a relação mídia e educação assume o protagonismo das práticas de letramento contemporâneo. Neste sentido, é fundamental repensar os espaços e os modos educacionais a partir de outras dinâmicas entre quem ensina e quem aprende.

Devemos então percorrer algumas proposições conceituais para definirmos letramento midiático, que pode colaborar para a compreensão dos procedimentos metodológicos desenvolvidos no EntreMídias. O letramento traz a ideia de que o sujeito se apropriou socialmente do sistema de aprendizado e o dimensionou para além das suas habilidades. Em suma, essa espécie de leitura traz consequências efetivas nas ações políticas, culturais, cognitivas e sociais (Fantin, 2008). Engajados e sempre mediados por novos dispositivos digitais, os sujeitos tendem a produzir novas experiências de estar juntos e com isso reelaboram suas redes culturais. A educação midiática busca pensar esses novos contextos de relação, que agora estão imersos em ecossistemas complexos de comunicação.

Encontramos, por outro lado, múltiplas terminologias para entender os processos de leituras midiáticas, como, alfabetização midiática, mídia-educação, competência midiática, literacia midiática e educação midiática. Essas terminologias se apresentam em um campo de disputa conceitual, apesar de apresentarem nuances formais. O campo da educação tem um vasto caminho nessa discussão, mas aqui percorreremos as posições do campo da comunicação, que hoje toma para si a tarefa de entender os fenômenos midiáticos pelos novos modos de lê-los.

Nesse sentido, assumimos a concepção de educação midiática, como um conjunto de habilidades e competências que indicam como os sujeitos podem acessar, usar e interpretar os dispositivos tecnológicos em suas diversas dimensões. Mesmo correndo o risco de sermos imprecisos conceitualmente, essa perspectiva de conjugar acesso, uso e análise fortalece a estruturação de estratégias e modos de ação que conduzimos no trabalho.

Abordamos nosso trabalho de produção e ministração de oficinas de leituras crítica de mídia a partir dessa nomenclatura por entendermos, como base a ideia de Fantin (2008), de que pensamos a partir, com e através das mídias, o que significa que o trabalho consiste em não apenas ler, mas produzir mediações críticas com as mensagens midiáticas, numa posição coletiva e comum. Também apoiamo-nos em Belloni (2005, p. 26), que nos indica:

Do ponto de vista mais amplo da concepção de unidades de cursos de aprendizagem aberta e autônoma, presencial ou a distância - ou seja, desde a perspectiva do processo educacional como um todo - mediatizar significa conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais ensino/aprendizagem que potencializem o máximo de aprendizagem autônoma. Isto inclui desde a seleção e elaboração dos conteúdos, a criação de metodologias de ensino e estudo, centradas no aprendente, voltadas para a formação da autonomia.

Produzir um aprendizado autônomo e protagonista é pilar fundamental da proposta do grupo EntreMídias. Neste sentido, as oficinas que realizamos partiram de temáticas muito específicas, como cinema, telenovela, videoclipe, entre outras. Por este motivo, para cada oficina realizada eclodem temas, questões e problemas conjugados aos processos de pesquisa do grupo.

Em algumas oficinas a discussão, tão importante quanto necessária sobre os processos de colonização do Brasil foram pautados. De fato, apoiados nesse protagonismo, as questões aparecem ligadas a leituras de produtos midiáticos com forte referência aos cursistas inseridos naquela oficina, especificamente. Um dos exemplos foi a oficina de telenovela. Por isso, o artigo busca refletir sobre o papel da educação midiática no contexto das questões que envolvem temáticas como colonização, colonialidades e contra-colonialidades.

2 O papel da educação midiática no contexto da contra-colonialidade

Partimos da ideia de que as mídias tiveram papel decisivo na disseminação da visão de mundo ocidental e na consolidação do projeto de modernidade. Elas se configuram como um poderoso instrumento discursivo chamado por Quijano (2000) de colonialidade do poder e Grosfoguel (2008) de "sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal". Diante deste cenário, o que se convencionou chamar de contra-colonialidade se configura como o movimento que questiona as relações de poder baseadas no sujeito imperial europeu. Este sujeito seria fruto de um ethos moderno-ocidental, colocado em posição privilegiada em relação ao que se chama "Outro" colonial enquanto objeto de conhecimento ou sujeito subalterno. Este campo teórico está centrado na ideia de que o colonialismo não se deu somente como dominação econômica e política do Norte sobre o Sul. Este processo de dominação transbordou o senso comum da conquista territorial e se estendeu para o campo epistemológico e simbólico criando fronteiras de dominação, também, na produção do conhecimento.

Enquanto o conceito de colonialismo se refere ao período histórico e à ideologia que justifica a dominação colonial, o conceito de colonialidade remete ao processo de dominação que perpetua o colonialismo e suas configurações sociais para além do período histórico. A colonialidade se refere ao legado contínuo do colonialismo na forma de múltiplas discriminações impregnadas no tecido social como dominações de classe, gênero, raça, cultura e episteme. Estas hierarquias possuem relação direta com o conhecimento baseadas nos princípios da racionalidade europeia que destrói e condena outras epistemologias. No limite, a colonialidade é a interiorização da dominação colonial, ainda que o sistema colonial propriamente dito tenha acabado. Essa diferenciação é de suma importância para a análise e leituras dos produtos de mídia.

O colonialismo é, portanto, o fruto perverso da modernidade ocidental, que se assenta principalmente em uma racionalidade estreita que reduz a complexidade do mundo, na separação entre sujeito e objeto e entre natureza e sociedade. Além disso, formula-se a partir de uma concepção de realidade dominada pelo mecanismo determinista e da verdade como representação transparente da realidade. Na visão da modernidade ocidental, a verdade se encontra na separação entre o conhecimento científico, considerado único e válido, e outras formas de conhecimentos e saberes locais e tradicionais. Estas concepções duais do mundo são geradoras de uma cultura de dominação inseridas em uma lógica de dicotomia Norte/Sul, mas que não permanecem restritas aos referenciais geográficos. Nesse contexto o Sul epistemológico, de forma geral, se configura como o lugar onde se dá o processo de dominação e onde está dominação se expressa de forma mais perversa.

As mídias tiveram, e ainda têm um papel fundamental na sedimentação desse processo de dominação. Assim, refletir sobre seu alcance, sua influência e suas formulações são questões fundamentais como forma de buscar outras bases epistemológicas do pensamento do sul global. Pensar sobre como ler essas mensagens, passa a ser tão fundamental como investigar as possibilidades de brechas de outros modos de relação criativa com as mídias.

Na perspectiva da episteme contra-colonial, a modernidade não reflete a narrativa de sucesso e progresso da humanidade, que foi construída na tradição iluminista eurocentrada e inúmeras vezes narradas nos discursos tradicionais da mídia. Para Mignolo (2017, p. 06), a colonialidade se expressa tanto na geopolítica como no que ele chama de corpo-política. Estas duas configurações de colonialidade refletem o lado sombrio de uma trajetória na qual as narrativas comuns são frequentemente apagadas e silenciadas por um sistema discursivo de dominação, historicamente sustentado dentro das diversas linguagens das mídias.

Em ambos os casos, a geopolítica e a corpo-política (entendidas como a configuração biográfica de gênero, religião, classe, etnia e língua) da configuração de conhecimento e dos desejos epistêmicos foram ocultadas, e a ênfase foi colocada na mente em relação ao Deus e em relação à razão. Assim foi configurada a enunciação da epistemologia ocidental, e assim era a estrutura da enunciação que sustentava a matriz colonial. Por isso, o pensamento e a ação descoloniais focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais.

O desenvolvimento dos meios modernos de comunicação de massa e a própria ascensão do jornalismo exercem um papel central no processo de dominação colonial, por estarem intrinsecamente estruturados em um discurso de garantia da verdade e da objetividade (Martín-Barbero, 2006). As diversas mídias e seus produtos, também se inserem, tradicionalmente, no interior dessa lógica de dominação e como ferramenta de consolidação do poder colonial em torno da imagem de um centro emissor e de uma periferia receptora, produzindo apagamento e silenciamentos de histórias e identidades (Aguar; Silva, 2023). A essência tecnológica da comunicação se torna o principal fator de difusão de uma forma ocidental específica inserida na lógica do capitalismo e que se torna um apêndice a serviço exclusivo do desempenho econômico, da eficiência produtiva, da lucratividade e da colonialidade.

A racionalidade técnica implicada na produção midiática ratifica a lógica da dominação. Por isso, a ideologia, que é a própria colonialidade, não é apenas transmitida pelos meios de comunicação, mas está impregnada na engrenagem tecnológica. Esta racionalidade se baseia na premissa de que o chamado receptor não escolhe ou deseja nada, seu gosto já está programado pelo polo da produção, um gosto que é acima de tudo colonial e que intensifica a assimilação cultural. Daí o papel decisivo dos meios de comunicação na difusão do imaginário colonial. O campo das mídias é permeado pelo discurso da técnica, mas sobretudo precisa ser pensado como um fazer político, com o potencial de construir, reproduzir e consolidar categorias sociais e relações de poder.

Na proposta que escolhemos traçar no EntreMídias, algumas dessas questões são elaboradas: como pensar a mídia nesse conjunto de engrenagens políticas e discursivas? A seguir, apresentamos a descrição do projeto e algumas iniciativas que procuram contextualizar e analisar a produção nacional em diferentes mídias.

3 EntreMídias: o caldo de todo esse caldeirão

O projeto EntreMídias nasceu em 2018 no curso de Jornalismo da UFRRJ. O principal objetivo é o de mostrar o conceito de leitura crítica de mídia, abarcando desde o processo de produção das mídias até a interpretação do que é veiculado, observando, portanto, três dimensões principais que compõem as mídias: circulação, produção e consumo. A ideia é a vivência do processo comunicacional em uma linha dialógica e horizontalizada. Isso ocorre a partir do conjunto de oficinas disponibilizadas anualmente ao público que frequenta o Centro de Arte e Cultura da UFRRJ, o CAC².

O projeto começa na oferta anual de uma Atividade Acadêmica (Laboratório de Pesquisa) aos alunos do curso de Jornalismo, em geral, com 15 vagas. Os alunos inscritos são apresentados ao EntreMídias escolhendo a mídia que será trabalhada no período ou começando os encontros com a mídia selecionada previamente. A partir disso, a atividade passa ao momento de pesquisa e debate sobre a mídia em questão. Com os assuntos organizados, há apresentações de aulas pelos alunos como se estivessem ministrando as oficinas práticas. As aulas são discutidas, melhoradas e arquivadas para o próximo passo do projeto.

As aulas ministradas pelos estudantes nas atividades acadêmicas viram as oficinas no período posterior, dadas aos participantes que se inscrevem no CAC. Nesse momento, quem era aluno passa a ser professor e se torna responsável em levar o conteúdo aos inscritos. Em geral, são seis aulas com estudo, discussão e exercícios práticos sobre a mídia em questão. Até o momento já foram ministrados sete encontros - oficinas de fanzine, cinema, literatura, videocliques, telenovelas, fotografia e produção em áudio. A próxima será sobre *fake news*. As oficinas são presenciais e foram virtuais apenas durante a pandemia de Covid-19.

Oficina de fanzine (2019) – em cinco encontros, os cursistas puderam conhecer a arte do fanzine, com uso de desenhos, pinturas, colagens e todo universo que compõe a prática. Dentre os assuntos abordados, destacam-se a narrativa da jornada do herói e a construção de roteiro. Foi a primeira oficina do grupo EntreMídias e por meio dela foi consolidada a parceria entre o projeto e o CAC.

Oficina de audiovisual e representação (2020) - “O cinema e suas diversas formas de representar as minorias” foi o tema da segunda edição das oficinas. Embora

² O Centro de Arte e Cultura da UFRRJ é um espaço cultural da universidade que funciona fora do campus, com oficinas diversas, direcionadas ao público em geral. Há oficinas de danças variadas, pintura, artes manuais etc.

tenha sido concebida para funcionar presencialmente, não foi possível devido à pandemia de Covid-19, o que acabou impactando o formato, pois foi necessário mudar o tempo de aula e a regularidade dos encontros. Dentre os assuntos, destacam-se a presença feminina no cinema, as animações e a produção de documentários.

Oficina de videoclipes (2020) – Tendo a parceria do professor Tiago Soares (UFPE), especialista na discussão sobre música pop, a oficina de videoclipe analisou seis obras abarcando produção, distribuição e consumo: *Nico and the niners (Twenty one pilots)*, *Gueto (Iza)*, *Balance ton quoi (Angéle)*, *Amarelo (Emicida)*, *Royals (Lorde)*, *Girl from Rio (Anitta)*.

Oficina de cinema e literatura (2021) – Para esta oficina, o cinema também foi abordado, porém dando foco na sua relação com a literatura. A ideia foi mostrar livros que se transformaram em linguagem fílmica, trabalhando a noção de transnarratividade. Ainda de forma online, foi necessário abrir duas turmas com 20 alunos para atender a demanda. Dos filmes analisados estavam *O menino do pijama listrado (2008)* e *Estrelas além do tempo (2016)*.

Oficina de telenovela (2021) – Para esta oficina, contamos com a parceria do GEFICS da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por meio da professora Patrícia D’Abreu. Foi abordada a produção da telenovela em relação ao seu aspecto histórico. Para isso, analisamos novelas nacionais e internacionais com temáticas sobre a juventude, ciência e racismo, dentre as quais: *Sinhá Moça (2006)*, *Avenida Brasil (2012)* e *A força do querer (2017)*.

Oficina de fotografia (2022) – A oficina foi organizada previamente com supervisão da professora de fotografia, Cecília Figueiredo, do próprio curso. O objetivo era fazer a leitura crítica das imagens selecionadas a partir das teorias propostas. As seis aulas alcançaram mais de 20 alunos de diversos cursos da UFRRJ. Os assuntos abordaram desde a história da fotografia até os limites éticos da manipulação de imagens.

Oficina de produção em áudio (2024) – O universo do áudio foi apresentado a cerca de 15 participantes na sétima edição das oficinas do EntreMídias no CAC. Durante as aulas, foi possível mostrar o processo de produção de programas variados, além da própria história do rádio e dos recentes *podcasts*. Ao final de cada aula, os alunos realizaram atividades práticas como forma de melhor assimilar o conteúdo.

Oficina de fake news (2025) – a Oficina de *fake news* será ofertada em 2025. A intenção é discutir a desinformação e seu impacto na vida social e política do cidadão. Dessa vez, além das aulas no CAC, a oficina também vai ocorrer em formato

de palestra em algumas escolas públicas da região. A intenção do grupo EntreMídias é buscar novos espaços, alcançando outras realidades.

Na construção e elaboração das oficinas estabelecemos algumas metodologias que denominamos modos de ação. Os modos de ação organizam princípios e direções que acompanham processos de pesquisa. Sendo assim, não fundamos proposições enclausuradas em regras, mas sim em direções que possam indicar para as leituras críticas de forma conjunta e partilhada. Apontamos alguns princípios do processo:

1. reforçar o protagonismo dos sujeitos;
2. compreensão de que ensinar e aprender se forja de forma coletiva e não hierarquizada;
3. trabalhar com a ideia de transdisciplinaridade e não em disciplinas isoladas;
4. entender que ensinar, aprender, refletir, agir, pesquisar e intervir fazem parte do mesmo processo.

Engajados nessas proposições, erigimos muitas questões nas diversas oficinas que realizamos. Na oficina de Telenovela³ pudemos colocar em prática alguns apontamentos dos estudos contra-coloniais. Na aula elaborada sobre a telenovela *Sinhá Moça*⁴, por exemplo, o tema central foi o racismo estrutural. Outras questões foram “analisadas” na telenovela, como a adaptação, a concepção das reprises, o enredo, a representação dos personagens e a trilha sonora.

Basicamente o enredo versa sobre a história de amor de *Sinhá Moça*, filha do Barão de Araruana, ferrenho escravocrata com o jovem Dr. Rodolfo, um ativo abolicionista republicano. A história, além disso, aborda a escravidão no Brasil, última a ser extinta no mundo. Na pesquisa concebida, alguns aspectos importantes foram relatados pelos cursistas. Em primeiro lugar a concepção romântica da relação entre escravos e brancos, o que traz com muita força a idealização de um “salvador branco” para a discussão da escravidão. Os negros, observou-se na pesquisa sobre a trama, eram retratados com uma visão eurocêntrica e burguesa.

Retomando Grosfoguel (2008), verificamos a posição de privilégio do homem branco, sujeito que se configura como herói na obra, em contraposição ao homem

³ Na 5ª edição analisamos as novelas “Carrossel”, “Rebelde”, “Sinhá Moça”, “A força do querer”, “O Clone” e “Avenida Brasil”, que apresentavam temáticas como juventude, ciência e racismo. Em cada uma delas propusemos leituras e linhas de análises contextuais, sempre em colaboração com o grupo de cursistas. Osicineiros voluntários Jonathan Monteiro e Yasmin Alves acompanharam o grupo.

⁴ Telenovela reprisada. Direção: Benedito Ruy Barbosa; Roteiristas: Edmira Barbosa e Edilene Barbosa; Emissora: TV Globo; Capítulos: 185; Data de transmissão: 13 mar. até 14 de out. 2006.

negro, o sujeito subalterno, na visão colonialista. Assim, verificamos como a dominação colonial se faz presente também no campo simbólico. Vale observar o pouco tempo em que personagens da raça negra começaram a ter papel de destaque nas obras ficcionais, deixando de ser representados de maneira estereotipada.

A aula sobre a reprise de *Sinhá Moça* teve também a preocupação de levantar aspectos históricos do momento em que o Brasil vivia em 2006. Em um pequeno slide os cursistas apresentaram as seguintes informações:

Índices de 2006

=Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB do Brasil nesse ano foi de R\$ 2,37 trilhões. Já o PIB per capita correspondeu a R\$ 12.688 trilhões.

=O PIB, nesse ano, teve uma taxa de crescimento equivalente a 4,0%, a maior desde 2000.

=Desemprego: 8,4%, a menor taxa desde 1997

=Salário Mínimo valia R\$ 350,00

=Reeleição de Lula e sanção da Lei Maria da Penha

Essas pesquisas tinham como objetivo fazer referências ao momento histórico do Brasil, ajudando assim a produzir leituras macrosociais da telenovela, que discutia questões de ordem cultural do país. Martín-Barbero (2006) já havia observado que fazer essas relações dos produtos culturais com a conjuntura social é eficaz para entender as apropriações e diferenciações vivenciadas com a cultura das mídias.

Em uma outra oficina, a de produção em áudio, algumas questões de gênero surgiram na aula sobre locução esportiva. É fato que o trabalho com esporte no rádio tem maior presença de homens desenvolvendo coberturas na área, porém, as mulheres começam a ocupar esse espaço. Os alunos que ministraram as aulas constataram essa situação e mostraram como a mulher surge na cobertura esportiva e na locução. Como exemplo, falaram da narradora Renata Silveira, a primeira mulher a narrar a copa do mundo na tv aberta.

A análise de gênero e raça surgiu em outra aula da mesma oficina, quando foi analisado o *podcast* "Não Inviabilize". Trata-se de uma criação da psicóloga Andréia

Freitas que traz várias histórias misturadas a suas próprias vivências. Ela, uma mulher negra, sempre que necessário faz o recorte de raça e gênero chamando atenção dos ouvintes em determinadas narrativas. No *podcast*, alguns ouvintes podem deixar suas impressões sobre os episódios, criando elemento de proximidade. Os participantes da oficina debateram a estrutura do *podcast* e como seu conteúdo é importante por gerar discussão de assuntos tabus e trazer dicas de como enfrentar determinadas situações do cotidiano.

Durante as aulas, verificamos o nascimento da mídia rádio e sua evolução ao longo do desenvolvimento tecnológico e, por mais que o rádio tenha vindo dos chamados países colonialistas, ao firmar-se no Brasil, percebemos modelos de resistência, como bem apontou Foucault (1997).

Assim, os programas analisados, escolhidos pelos estudantes, mostraram que é possível ter ações descoloniais, revertendo um processo há muito arraigado. E não são poucos os programas, principalmente em podcasts, que trazem uma visão crítica da sociedade e o que é mais importante, muitas dessas produções são realizadas por pessoas que saíram da posição de consumidores para produtores de conteúdo. Para experienciar essa faceta e dar um passo a mais na leitura crítica de mídia, foi proposto aos integrantes da oficina de áudio discutirem e minimamente produzirem programas relacionados à aula do dia. Os exercícios práticos foram bem recebidos, pois trouxeram a possibilidade de os integrantes das oficinas pensarem em como fariam suas próprias produções.

4 Considerações finais

A educação midiática desempenha um papel crucial no contexto universitário ao preparar estudantes para interagir de maneira crítica e responsável com o complexo ecossistema comunicacional contemporâneo. Em termos de proposição, a educação midiática colabora para as mediações críticas, que oscilam entre a habilidade de habitar o ecossistema midiático e a competência de manejo com as diversificadas linguagens que circulam nesse sistema. No trabalho do EntreMídias esse processo incita a participação ativa, a crítica responsiva e a colaboração. Compreender como nos informamos, sobre o quê nos informamos e como as informações chegam até nós é fundamental, portanto, para a atividade do grupo.

Procuramos trazer respostas à pergunta: como ler criticamente essas mensagens de mídia? A partir da imersão em atividades de pesquisa do projeto EntreMídias, pudemos compreender como as temáticas da colonialidade e contra-colonialidade emergem de contextos midiáticos pressionando recepções críticas.

Neste sentido, o artigo demonstrou como a educação midiática pode fomentar resistência e autonomia no ecossistema comunicacional. Por meio do projeto EntreMídias, evidenciamos que a leitura crítica de mídia, aliada a metodologias participativas, permite problematizar discursos hegemônicos e promover práticas contra-coloniais. O objetivo de compreender os discursos colonializantes e propor alternativas foi alcançado ao engajar sujeitos em processos de criação coletiva e emancipação.

Embora não seja algo tão óbvio, a discussão é fundamental para percebermos como os produtos midiáticos impactam cotidianamente os sujeitos expostos a eles diuturnamente. Para esta parte do trabalho, procuramos, portanto, evidenciar algumas discussões a partir das nomenclaturas expostas, além dos referenciais de Michel Foucault sobre o uso do dispositivo enquanto rede e noções de resistência na educação.

Como forma de fazer a análise crítica da mídia, abordamos o trabalho de pesquisa e extensão realizado pelo projeto EntreMídias, no curso de Jornalismo da UFRRJ. A metodologia utilizada no projeto aposta num processo horizontalizado de aprendizado, no qual alunos e professores não se encontram em posições de desigualdade. A equidade dos lugares garante que a pesquisa seja feita em conjunto e as impressões, análises e interpretações sejam frutos de co-criação do material disponibilizado para as aulas, que fazem parte da dimensão extensionista do projeto. Essa forma de fazer leva em consideração o conceito de dispositivo no sentido de rede, criar redes para estabelecer relações, conforme Foucault (2007). Tudo o que é pesquisado e criado, enquanto ferramentas de ação, formatos e linguagens, é arquivado para uso posterior, assim, cada aluno que passa pelo projeto deixa sua marca impressa.

Outro ponto a ser destacado é que no EntreMídias, não buscamos ler a mídia apenas em seu aspecto representacional, utilizando uma concepção de alfabetização passiva, mas propomos fazer digressões, elos e vinculações com os usos comuns dos sujeitos. Desta forma, toda experiência é ouvida e discutida e há uma participação efetiva dos sujeitos envolvidos. A construção coletiva e o modelo de ação já sedimentado ajudam na condução dos laboratórios de pesquisa, independente de quem seja o professor responsável.

Em linhas gerais, observamos o campo midiático com olhar político, entendendo que há uma defesa pelo suporte técnico, mas que é possível desconstruir esse discurso a partir do entendimento da leitura crítica de mídia e do contra-colonialismo. Exercitar o olhar crítico nas produções existentes e aplicar esse olhar nas produções realizadas no âmbito da educação, portanto são alguns dos pilares do EntreMídias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, C.; SILVA, D. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 94-108, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/issue/view/899/380>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Ed. Autores Associados, 2005. Disponível em: <https://docentes.ifrn.edu.br/julianaschivani/disciplinas/midias-educacionais/o-que-e-midia-educacao-por-maria-luiza-belloni/view>. Acesso em: 27 jan. 2025.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? *In*: DELEUZE, Gilles *et al.* **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em: <https://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

FANTIN, M. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil- Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FANTIN, M. Os cenários culturais e as multiliteracies na escola. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, v.13, p. 69-85, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264852320_Os_cenarios_culturais_e_as_multiliteracies_na_escola/fulltext/53f4674f0cf2888a7490eca0/Os-cenarios-culturais-e-as-multiliteracies-na-escola.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 80, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 27 jan. 2025.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MIGNOLO, W. Colonialidade, o lado mais obscuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. v. 32, n. 94, p. 06, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2025.

QUIJANO, A. Coloniality of power and eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, Londres. v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0268580900015002005>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SANTOS. A. B. **Colonização, quilombos modos de significação**. São Paulo. AYÔ, 2019.

Rejane Moreira organizou o artigo e contribuiu para a estruturação das ideias, garantindo a coerência dos argumentos apresentados. Revisou e alinhavou as seções, além de sugerir abordagens que fortalecessem o desenvolvimento do texto.

Sandra Garcia foi responsável por garantir a cadência lógica das ideias no artigo, estruturando a apresentação do caso discutido. Contribuiu para conectar os argumentos, destacando os pontos principais. Além disso, elaborou as considerações finais, sintetizando as discussões e reforçando a relevância do tema abordado.

Cecília Moreyra foi responsável por delinear a ideia central do artigo, que explora o conceito de colonialidade, articulando-o ao caso apresentado. Contribuiu na inclusão a seleção e análise dos autores que fundamentam o debate.